

CONSCIÊNCIA DE CLASSE

“OS FILÓSOFOS APENAS INTERPRETARAM O MUNDO DE DIFERENTES MANEIRAS O QUE IMPORTA É TRANSFORMÁ-LO”



@emancipacaosocialista

Nº 32 01/11 a 31/12/2024 R\$ 2

A EXTREMA-DIREITA DEIXA O MUNDO UM CAOS. É URGENTE A UNIDADE DA ESQUERDA ANTICAPITALISTA



2

EDITORIAL

3

EMERGÊNCIAS CLIMÁTICAS

4

TRABALHO PRECÁRIO

5

REVOLUÇÃO RUSSA:
REIVINDICAÇÃO E CRÍTICA

9

A LUTA CONTRA O RACISMO

10

BALANÇO DAS ELEIÇÕES

EDITORIAL: SOMAR FORÇAS



É hora de entender os motivos da direita e da extrema-direita se fortalecerem e o significado do resultado para as correntes de esquerda anticapitalista.

Poucos votos e rebaixamento programático da esquerda anticapitalista

A situação está bem complicada para a esquerda anticapitalista. Juntados todos os votos da UP, PCB e PSTU não passam de poucas dezenas de milhares. Candidaturas de luta, mas com pouca ou nenhuma inserção junto à classe trabalhadora.

Considerando as candidaturas de correntes de esquerda do PSOL, a soma dos votos passa de cem mil, quantitativamente superior, mas também demonstram pouca inserção e ainda com um programa político rebaixado politicamente.

Enfim, de um lado a inexpressividade eleitoral e de outro o eleitoralismo, quando a razão de ser de uma corrente política é eleger parlamentares, pois se não (re)eleger significa perder cargos e aparatos.

Quanto ao PSOL, o partido se incorporou mais ao petismo, se coligando com o PT em vários municípios e com o rebaixamento programático, abrindo mão de propostas históricas do movimento. Em São Paulo, por exemplo, Boulos defendeu mais armas para a GCM (acusada de vários abusos) que nem é força policial.

E para ficar pior, a maioria das organizações/partidos anticapitalistas sequer se dão conta do problema e ainda caem numa autoprocamação e uma certa arrogância.

E a unidade da esquerda anticapitalista?

Avaliamos que a conjuntura está bastante desfavorável para a classe trabalhadora e, obviamente, para a esquerda anticapitalista.

Há uma unidade da burguesia e, se não bastasse, o governo Lula está bastante alinhado com esses setores de direita e de extrema-direita que saíram fortalecidos do processo eleitoral. Seria lógico que o “nosso lado” entendesesse essa situação e trabalhasse para

construir uma unidade em torno de alguns eixos político-programáticos. Seria, mas não é o que ocorre.

Emancipação Socialista e outras organizações vêm defendendo a unidade da Esquerda Anticapitalista, unificando os vários setores e demonstrar aos trabalhadores uma alternativa antissistema. A ideia não vingou, principalmente pelos partidos que têm a legenda reconhecida pela justiça eleitoral não toparam.

O resultado eleitoral demonstrou que um setor da classe trabalhadora nutre ilusões na extrema direita e outro se ilude com a “esquerda institucional”. E, nós da esquerda anticapitalista, ficamos à margem.

Por esses desafios é imperioso a necessidade da unidade da esquerda anticapitalista continua mais atual do que nunca. Há muitas lutas a serem travadas. Isolados, com nossas fragilidades, não vamos a lugar nenhum.

Por que tantas dificuldades para a unidade? O que superar?

Com a crise no marxismo, portanto, das correntes marxistas, sabemos que existem muitas diferenças políticas e teóricas. No entanto, sabemos que existem muitos acordos e para avançarmos na unidade precisamos abandonar algumas posturas como a autoprocamação, o hegemonismo, a arrogância e também o oportunismo.

As eleições representam um momento da unidade dos revolucionários (e nem é o mas importante), pois ela deve ser construída cotidianamente e principalmente para as lutas (não só nas lutas), ou seja, deve ser permanente. As formas dessa unidade podem ser por Frentes, Comitês, etc.

Muitas organizações/partidos e opõe a unidade com a construção de cada corrente. É o contrário, pois impulsionando um movimento mais amplo, com mais ativistas e mais diálogo com a classe trabalhadora, todas as correntes se fortalecem. Ou seja, são processos que se complementam e fortalecem a consciência de classe, os movimentos e a construção de correntes revolucionárias.

A unidade exige esforço de todos, deve ser feita com debates, as correntes apresentarem propostas, mas é preciso “concessões”, ou seja, precisam abrir mão de algo para chegarmos em propostas consensuais.

Essa unidade deve ser construída com as experiências concretas na luta de classes e, assim, seguimos firmando a confiança para os próximos períodos de combate à extrema-direita. Essa unidade não será construída com a prática reprovável de disputa por militantes de outras forças, mas também não se dará com o “bater o pé” nas próprias posições que, em muitas vezes, dificulta e sabota o processo de unidade.

Essas são algumas questões que defendemos nesse momento de urgência da construção de um movimento político e de luta da classe trabalhadora, que comportem correntes, organizações e diferentes posições políticas capazes de enfrentarem as políticas de ajustes (e o aumento da exploração) dos governos em todos os níveis e também o sistema capitalista como um todo.

A esquerda anticapitalista é a única força antissistema de fato. Mas, precisar demonstrar isso à classe trabalhadora.

Quando fechamos esta edição de Consciência de Classe, a escalada da agressão sionista do Estado de Israel no Oriente médio avançava. A possibilidade do acirramento do conflito inclusive com aumento de tropas estadunidenses, a entrada definitiva do Irã num círculo do conflito é uma realidade no final deste ano.

Aparentemente nenhum organismo, como a ONU, ou sistema de Estados consegue frear Israel. Apenas um rebelião do mundo árabe sustentada por movimentos massivos em várias partes do mundo poderá fazer recuar o reacionário Estado que atualmente segue os interesses diretos do imperialismo para a região. Só a derrota do sionismo e do Estado israelense poderá promover a autodeterminação dos povos da região.

EMERGÊNCIAS CLIMÁTICAS E SEUS IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA

Pedro Eduardo Graça Aranha (1).

As emergências climáticas, podemos afirmar hoje, representam a maior crise que a humanidade enfrentará nos próximos cinquenta anos, afetando não apenas o meio ambiente, mas principalmente as estruturas sociais, econômicas e culturais.

Do ponto de vista revolucionário, é fundamental entender essas emergências como resultado de um sistema econômico que prioriza o lucro em detrimento do bem-estar coletivo e da sustentabilidade ambiental. Esse artigo explora os impactos socioambientais das crises climáticas, os desafios que impõem e as estratégias de resistência que podem ser adotadas.

Impactos socioambientais das emergências climáticas

Os efeitos das emergências climáticas são amplos e variados, afetam diferentes regiões e populações de maneiras desiguais. Entre os principais impactos, destacam-se:

Desigualdade Socioeconômica: as populações mais vulneráveis são as que menos contribuíram para a crise climática, mas são as mais afetadas. Comunidades em situação de pobreza enfrentam desafios como falta de acesso a recursos básicos, deslocamento forçado e perda de meios de subsistência.

Destruição de Ecossistemas: os eventos climáticos extremos como deslizamentos de encostas, ondas de calor extremo, furacões, incêndios florestais e inundações resultam na destruição de habitats naturais e na perda da biodiversidade. Essa degradação compromete a saúde dos ecossistemas e a resiliência das comunidades que dependem deles.

Conflitos e Migrações Forçadas: essas ocorrências trazem a escassez de recursos exacerbada por crises climáticas, podem levar a conflitos entre comunidades e nações. Além

disso, milhões de pessoas são forçadas a migrar em busca de condições de vida mais seguras, gerando tensões sociais e políticas.

Desafios enfrentados

A luta contra as emergências climáticas enfrenta diversos desafios que vão além das questões ambientais.

Interesses corporativos: O poder das corporações, que frequentemente priorizam lucros a curto prazo, impede a adoção de políticas ambientais mais rigorosas. A resistência às regulamentações que limitem a exploração de recursos naturais é uma barreira significativa.

Falta de conscientização: A desinformação e a falta de educação ambiental crítica contribuem para a apatia em relação às questões socioambientais. Muitas pessoas não percebem a urgência da situação ou a interconexão entre as crises ambientais, econômicas e sociais.

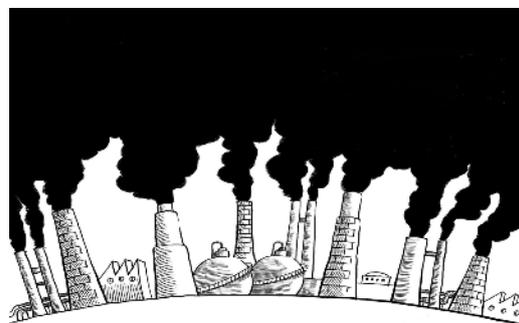
Desigualdade política: As vozes das comunidades mais afetadas muitas vezes são marginalizadas nos processos de tomada de decisão. Isso resulta em políticas que não refletem as necessidades e realidades dessas populações.

Estratégias de resistência

Diante desses desafios, é essencial desenvolver estratégias de resistência que promovam a justiça socioambiental e a luta pela construção do ecossocialismo. As ações táticas para atingir eficácia incluem:

A **Organização comunitária** e mobilização das comunidades locais são fundamentais. Grupos de base podem criar redes de solidariedade, compartilhar conhecimentos e desenvolver soluções que atendam as suas necessidades específicas.

Educação e conscientização para promoção da educação am-



biental climática crítica e popular são vitais para informar as pessoas sobre as causas e consequências das mudanças climáticas. Formação e campanhas de conscientização sobre o colapso climático podem empoderar indivíduos e comunidades a exigir mudanças políticas e sociais.

Políticas de justiça climática são cruciais para que as políticas climáticas sejam construídas a partir de uma perspectiva da classe trabalhadora, priorizando as necessidades das populações vulneráveis. Isso envolve a implementação de medidas que garantam o acesso equitativo aos recursos, proteção contra desastres e construção de planos de adaptação climática populares.

Transição justa e popular para uma economia ecossocialista deve ser feita de forma justa, assegurando aos trabalhadores e comunidades que dependem de setores poluentes não sejam deixados para trás. Programas de requalificação e criação de empregos verdes são essenciais nesse processo.

As emergências climáticas não são apenas uma questão ambiental, mas uma crise que demanda uma resposta integrada que considere as interações entre as dimensões ecológicas e sociais. A abordagem ecossocialista enfatiza a necessidade de transformar o sistema econômico e político atual, promovendo a justiça social e ambiental. Ao unir forças, educar e resistir podemos construir um futuro mais justo e sustentável para todos, enfrentando os desafios impostos pelas emergências climáticas de forma coletiva e solidária.

(1) Prof. e ativista climático e ambiental desde anos 80. Atualmente é Pesquisador da Rede de Vigilância Popular em Saúde e Ambiente para enfrentamento dos desastres climáticos da FIOCRUZ.

TRABALHO PRECÁRIO E A SUPEREXPLORAÇÃO AINDA MAIS VIOLENTA



A cada dia vemos mais e mais condições de trabalho que até pouco tempo eram tidas como ilegais ou, pelo menos, exceção à regra. Condições estas que se apresentam como, por exemplo, terceirização generalizada, salários abaixo do mínimo, longas jornadas, trabalho esporádico, falta de direitos básicos (férias, aposentadoria, FGTS, auxílio-doença, licença maternidade, etc.). Vamos tentar fazer nesse artigo uma breve introdução abordando o tema.

Hoje, para alguns autores, já existem 40 milhões de brasileiros em trabalho precário (com base na PNAD), o que reafirma a importância de entender o que vivemos.

A Teoria da Dependência de Ruy Mauro Marini demonstra que o desenvolvimento de economias da periferia, como o Brasil, acontece através da superexploração do trabalho. De forma resumida, a superexploração do trabalho é o impedimento de que a classe do proletariado se reproduza em condições normais através de mecanismos como a remuneração da força de trabalho abaixo do seu valor. Sendo assim, podemos considerar que a precarização do trabalho é o “normal” do desenvolvimento de economias como o Brasil.

Mas o que explica a explosão de trabalho precário na última década?

Segundo Ricardo Antunes, desde os anos 1970, o capital busca recuperar seu padrão de acumulação com uma reestruturação em escala global, proliferando novas formas de “empresa enxuta”, empreendedorismo, cooperativismo, “trabalho voluntário”, etc.

Ainda conforme Ricardo Antunes, na última década, ocorre uma combinação de fatores:

difusão massiva de plataformas digitais, Reformas trabalhista e da Previdência, necessidade de ampliação dos lucros levando ao fim formas de “conciliação” de classes e fortalecimento da extrema-direita. Fatores que vão fazendo com que a regra passe a ser a precarização.

No caso das plataformas digitais, o trabalhador é um empregado da empresa sem se considerar empregado, sem horário, sem limite de jornada, com sistemas contraditoriamente freelancer-fixo. Em alguns casos, trabalha de casa em sistemas de metas, em que a meta sempre é o mínimo exigido e o máximo não tem limites.

Os equipamentos, vestimentas e condições ficam, cada vez mais, como um custo do trabalhador. As plataformas conseguem operacionalizar as diversas formas de trabalho intermitente e flexibilização sonhadas pelo capital. E são vendidas ao trabalhador como modernidades e oportunidades.

As Reformas trabalhista e previdenciária legalizaram formas de precarização e enfraqueceram a Justiça do Trabalho, colocando na conta do trabalhador os riscos, rasgaram anos de leis trabalhistas, o negociado passa a prevalecer sobre o legislado mesmo em negociações individuais, legalizaram a terceirização de atividades-fim, fazendo cair por terra um falacioso discurso dos gestores de que com a terceirização era para cada um se dedicar a sua especialidade. Dessa forma, fica nítido que o verdadeiro objetivo da terceirização é “alugar” um trabalhador precarizado.

A extrema-direita se torna porta-voz do falacioso discurso de empreendedorismo, de ser patrão de si próprio, da bandeira

de representar o novo, o virtual, a plataforma, de ataques aos setores de esquerda, dos ataques aos que defendem a organização coletiva dos trabalhadores.

Mas e as esquerdas?

Os setores de esquerda historicamente organizados nos partidos, nos sindicatos legais, nos movimentos estudantis e nos movimentos sociais dos oprimidos ainda não estabeleceram um diálogo de massas com os dispersos trabalhadores precarizados de plataformas, nem com as massas de trabalhadores terceirizados de empresas que mudam contratos de poucos anos, demitem e recontratam em condições cada vez piores.

Aliás, a esquerda no Brasil tem cada vez mais dificuldade para dialogar com qualquer trabalhador de base. Os próprios movimentos de luta não têm ocorrido com a classe.

Ainda de forma embrionária os trabalhadores de plataformas se organizam, na maioria das vezes, “virtualmente” e se movem em sentidos mais diversos e as vezes em pautas que mesclam a ideologia do empreendedorismo com suas pautas imediatas. Em alguns países se organizam em associações que ainda não são sindicatos.

O resultado da flexibilização com as plataformas de forma livre para o capital se impor e da terceirização generalizada têm sido a superexploração do trabalhador, que é uma bandeira da extrema-direita e de forma ainda mais violenta.

Um futuro sem miséria dependerá de uma organização para luta real da classe contra toda essa superexploração.

REIVINDICAÇÃO E CRÍTICA DA REVOLUÇÃO RUSSA



A crise capitalista tem produzido graves consequências para a humanidade, reafirmando que esse sistema nada tem a nos oferecer. De um lado, a alternativa socialista também passa por uma profunda crise, no sentido de as pessoas não aguentarem mais o capitalismo, mas não veem o socialismo como alternativa. Por outro lado, são muitas razões, mas o que ocorreu em países ditos socialistas como Alemanha Oriental, União Soviética ou Cuba (privilégios para uma casta, perseguição, etc.) ajudou muito a distorcer o conceito de socialismo: uma batalha fundamental da atualidade é recuperar o seu real significado.

Neste outubro de 2024 que soma 107 anos de sua insurreição, cabe um balanço crítico da Revolução Russa para entender os acertos e os erros dos revolucionários. Também importa definir o estalinismo como uma contrarrevolução, um desvio do caminho que representou uma derrota aos revolucionários e ao conjunto da classe trabalhadora e explorados no século passado.

Reconhecemos a complexidade e até as muitas contradições desse processo, pois mesmo sob o stalinismo, sem haver o verdadeiro socialismo, as condições de vida dos soviéticos (e de outros países que expropriaram a burguesia), durante muito tempo, foram muito melhor do que a imensa maioria dos outros países.

E, na verdade, as condições de vida do povo soviético eram relativamente boas “apesar do stalinismo”, pois só a inexistência da propriedade privada junto a outras medidas anticapitalistas abriram possibilidades para uma melhora na qualidade de vida geral do povo. Por um lado, manter os privilégios de uma burocracia estatal gigantesca significava ter que aumentar a exploração sobre a classe trabalhadora soviética, um entrave para o crescimento econômico. Por outro lado, a diferença era

que a mais-valia, a taxa de exploração, em vez de ser apropriada por capitalistas era apropriada pelo Estado e boa parte mantinha os privilégios dos burocratas. Esse é um dos fatores da crise que levou a queda dos regimes stalinistas no fim dos anos 1980.

Sem um balanço crítico desse processo, para tentar corrigir os erros, não vamos conseguir ganhar as novas gerações para o socialismo. Os novos tempos exigem esse acerto com o passado.

A parte da Revolução que reivindicamos

A Revolução Russa está entre os maiores feitos da humanidade. Depois da experiência da Comuna de Paris, as massas exploradas finalmente conseguiram derrotar a burguesia e demonstrar ser possível uma sociedade sem fome, sem pessoas morando na rua e o salário nem dava para necessidades humanas. Assim, garantiu-se o acesso à Saúde e Educação de qualidade, enfim, a riqueza produzida pela sociedade ficaria com a própria sociedade.

O começo, como tudo que é novo, foi muito difícil, pois as potências imperialistas (Alemanha, Inglaterra e França, entre outras) invadiram militarmente o país, a burguesia organizou milícias contrarrevolucionárias, a produção de alimentos foi desestruturada (e veio a fome generalizada) e a vanguarda sofreu muitas baixas, entre outros problemas.



O sovieta era a forma de poder operário

A expropriação do grande capital

A propriedade privada é um dos grandes entraves do desenvolvimento da humanidade, pois retém a riqueza produzida coletivamente e impede que a coletividade usufrua dessa riqueza. Por isso, as revoluções devem começar por tomar o controle dos grandes meios de produção, controlar a produção e a distribuição da riqueza produzida.

Em momentos diferentes, a Revolução expropriou as grandes propriedades de terras, as fábricas e os bancos, garantiu o controle político e econômico estatal/social sobre os meios de produção, passos muito importantes da Revolução. Conforme as expropriações foram avançando e a Revolução foi se consolidando, a burguesia e o imperialismo se rearticularam e iniciaram a guerra civil com muitas ações de sabotagem, mas a organização na base e a resistência militar do Exército Vermelho derrotaram a ofensiva burguesa, não sem muitas perdas.

A forte reação da burguesia também serviu para comprovar que é impossível mudar as coisas pela “via pacífica”, pois ao perder seus privilégios essa classe vai atacar os trabalhadores. Em tempos de tanta confusão, bom destacar que falamos da grande propriedade.

Os Soviotes eram o poder

Mesmo com todas essas dificuldades, a Revolução mostrou seu vigor, se consolidou e obrigou os demais países a aceitarem a classe trabalhadora como classe dirigente desse novo país. A principal e inovadora forma de poder eram os Soviotes, conselhos formados por representantes operários/operárias, camponeses/camponesas e soldadas/soldado

dos eleitos no front das batalhas em defesa da Revolução. Eram formados por um representante para cada 25 mil habitantes urbanos e mais os representantes dos Sovietes de cada província (um para cada 125 mil habitantes). Esses congressos elegiam um Comitê Executivo Central que exercia o poder entre os congressos, que até poderia tomar decisões, mas só valeria para toda Rússia quando o Congresso confirmasse essa decisão. Os mandatos eram revogáveis a qualquer momento.

Victor Serge, que participou da Revolução, no livro Ano I da Revolução, conta que em 1918, em plena Guerra Civil o Soviete geral se reuniu quatro vezes com encontros que duravam uma semana, debatendo os vários assuntos de interesse do povo russo. John Reed, um jornalista estadunidense que acompanhou a tomada do poder, no livretinho “Como funcionavam os soviets” conta com detalhes como a democracia era algo real e vivo. As grandes cidades também tinham os Sovietes, que cuidavam dos problemas locais e por sua vez enviavam seus representantes para o Soviete Central de toda a Rússia. Todos os partidos de trabalhadores tinham representação proporcional, conforme o número de votos: eram os organismos/fóruns que decidiam os rumos do país, os planos econômicos, aprovavam leis e até mudavam a Constituição, enfim, a classe trabalhadora era o poder.

As liberdades democráticas eram amplas

O povo russo viveu sob uma sangrenta ditadura durante séculos: os czares (a autoridade suprema imperial russa) controlavam com mão de ferro o país, perseguiram e prendiam



As mulheres cumpriram papel decisivo

os opositores (geralmente mandados para a Sibéria), ou seja, não havia nenhuma liberdade na Rússia.

A Revolução tomou várias medidas democráticas e buscou direitos para toda a classe trabalhadora, como o caráter laico do Estado e da escola, o direito de trabalhadores e trabalhadoras se organizarem nos sindicatos e nos partidos operários por trabalho assalariado para as mulheres, melhores condições de trabalho, salário igual para trabalho igual, propriedade conjunta e partilha do lar, além de liberdade de expressão, de liberdade sexual, divórcio, aborto, de opinião e reunião. O Estado disponibilizava os recursos para a produção de jornais, panfletos e livros para o movimento e para todo trabalhador que vivia em solo russo, independente da nacionalidade, tinha os mesmos direitos.

Esses direitos eram garantidos pela Constituição, a mesma que, excluindo os inválidos e desempregados dizia que “aquele que não trabalha, também não deve comer” (EH Carr, historiador inglês), premissa endereçada às pessoas que viviam da exploração do trabalho alheio. Também foi abolida toda forma de discriminação por raça ou nacionalidade. A democracia operária era tão real que as discussões sobre o acordo de Brest Litovsk (paz com a Alemanha, cessando a I Guerra) eram públicas e foram ratificadas pelo VI Congresso dos Sovietes de toda Rússia, bem diferente dos acordos diplomáticos secretos que a burguesia faz todos os dias contra os trabalhadores.

Os problemas...

Uma revolução não é só excepcional na história, é principalmente complexa. É “virar o mundo de cabeça para baixo” e no caso da russa tudo era novidade, ou seja, os erros eram inevitáveis, mesmo sob as lideranças de Lênin, Trótski e dos Sovietes. A questão é identificar os erros e ter uma política para corrigi-los.

Com alguma razão, muitos dizem que mais de 100 anos depois é fácil identificar erros

e por isso todos os erros são justificados. O problema é que, até hoje, muitas correntes não reconhecem esses erros. Nós, ao contrário, pensamos que é fundamental avaliar criticamente esse processo visando analisar esta experiência para as revoluções que virão.

São muitos os problemas que se sucederam: a repressão de Stalin (silenciando a maioria do partido) aos comunistas da Geórgia, as retenções da produção agrícola incluindo a dos pequenos camponeses, a abertura para o livre mercado e o fortalecimento de setores privados, a burocratização no partido e no Estado, entre outros. Vamos tratar apenas de dois desses problemas, os mais importantes para o desenvolvimento social da burocracia e da contrarrevolução estalinista.

A burocracia vai ganhando força...

Os problemas vão se acumulando e indicando que as mudanças dessa vez eram para pior. Se antes diretores das fábricas e oficiais militares eram eleitos pela base, agora são indicados pelos dirigentes partidários e as nomeações aos principais cargos públicos não tem mais critério técnico e sim político. Até mesmo os sindicatos perdem sua independência e passam a ser ‘estatizados’ e controlados pelos dirigentes do partido.

Esse processo ajudou na consolidação de uma poderosa burocracia estatal que controlava os principais cargos, o aparato repressivo do Estado e o partido. Também há uma “fusão” com remanescentes das “velhas classes” da Rússia. Em 1920, o número de funcionários do Estado, burocratas e especialistas passou de pouco mais de 100.000 para 5.880.000, superando os trabalhadores industriais em 5 para 1. Em agosto desse mesmo ano, havia quase 50.000 ex-oficiais czaristas servindo como especialistas militares no Exército Vermelho. É o fortalecimento da burocratização do partido e base de muitos outros problemas que vão levar a contrarrevolução stalinista.

Outra mudança importante foi

o constante fechamento de outros partidos e forças políticas que foram fundamentais na Revolução, como os anarquistas, socialistas de esquerda e independentes. O Partido Bolchevique (agora chamado de Comunista) passou aos poucos a ser o único “representante” da classe trabalhadora russa.

Lênin, talvez o mais consciente do perigo da burocratização, chegou a escrever que “há burocratas não somente em nossas instituições dos soviets, mas também nas do partido”. Infelizmente, ele morreu antes de convencer a maioria do partido.

...a democracia interna do partido perde

Outro problema (que está ligado ao anterior) é a fragilização da democracia interna do Partido Bolchevique. Mesmo nos períodos mais sangrentos da ditadura czarista, o partido manteve um regime democrático, com muito debate político e teórico, direito às tendências e possibilidade de defesa de posições publicamente. Democrático e centralizado na ação eram duas características fundamentais do partido. Podemos citar como expressão da democracia interna as críticas públicas que Lênin fez aos dirigentes do partido nas famosas “Teses de Abril”.

Internamente as coisas mudaram. O X congresso do partido, em 1921, limitou a democracia interna com várias restrições aos militantes, como a proibição de frações e às polêmicas nos órgãos do partido. Maiores poderes foram dados à direção partidária, ao Secretário-Geral e ainda foi garantida a autorização para o Comitê Central expulsar militantes que “quebrassem a disciplina”, logo, o Partido Comunista seria o único partido ‘tolerado”.

O setor que defendia mais democracia (eleição direta dos diretores das fábricas, espaço para a base do partido, combater a burocratização) foi derrotado. São medidas que contaram com o apoio de Trótski e Lênin, ironicamente, duas vítimas dessas medidas: Trótski foi expulso (e

depois assassinado) e Lênin teve seus textos de crítica à burocratização sigilosos até 1956, quando foram abertos após a morte de Stálin. O poder saiu dos soviets para o partido e esse caminhou a passos largos para a degeneração.

A contrarrevolução stalinista

Não somos da opinião de que a burocratização tenha início com a ascensão de Stálin ao cargo de Secretário-Geral do partido. Também não se explica pela moral ou por um personagem malvado que derrotou os bonzinhos e chegou ao poder. Há um processo objetivo e material de antes da vitória de Stálin que criou as condições para a vitória da burocracia: o comunismo de guerra, a fome que atingiu a maioria da população, os privilégios para uma minoria, etc.

A burocracia se beneficiou da mudança da conjuntura mundial, principalmente da Europa. Revoluções, como a alemã, foram derrotadas, a classe trabalhadora desmobilizou e a burguesia também se reorganizou, inclusive esboçando concessões econômicas para frear as lutas. O fascismo começou a crescer nos anos 1920. Essa combinação de elementos criou as condições favoráveis para a consolidação da contrarrevolução na Rússia.

As consequências foram muitas. Na União Soviética iniciou o período das perseguições políticas, da glorificação da família, do direito e do Estado, limites para a participação das mulheres na vida política, de poder da política secreta (KGB), do partido único e o fim do planejamento econômico decidido democraticamente pelos organismos da classe trabalhadora. Externamente, foram muitas traições a vários processos revolucionários com chances reais de vitória que, caso vencessem, poderiam ter alterado a correlação de forças e mudado a história da humanidade.

Destacamos três elementos da política contrarrevolucionária stalinista e como foram decisivos para o capitalismo seguir existindo pelo mundo: a teoria da Revolução em



Oposição de esquerda perseguida pelo stalinismo

um só país, os expurgos dos revolucionários do partido e algumas das várias traições do stalinismo.

Revolução em um só país. Os bolcheviques e a tradição marxista defendiam o avanço da revolução proletária em nível internacional. Era uma condição para a vitória, mas a burocracia stalinista não tinha interesse em novas revoluções para não colocar seus privilégios em risco e manter o processo russo isolado. Nessa linha, Stalin anunciou a “teoria” do “Socialismo em um só país” afirmando que era possível construir o socialismo em um único país antes de espalhar a revolução pelo mundo.

Após se consolidar no poder, o próximo passo foi perseguir a oposição. Foram vários momentos: inicialmente, contra membros destacados do partido e mais tarde bem ampliado. O chamado “Processos de Moscou”, entre 1936-39, com fraudes processuais, acusações falsas, sem provas nem direito à defesa, condenou a prisão ou a trabalhos forçados milhões de pessoas e condenou à morte mais de um milhão de dissidentes. Em 1940, mais da metade dos membros do Comitê Central que liderou a Revolução em 1917 havia sido executada ou levada ao suicídio pela burocracia stalinista.

Trótski, Zinoviev, Kamenev, Rakovski, Smilyn e Yevdokimov foram expulsos do Comitê Central do partido em 1927. No final desse ano, toda a oposição foi liquidada dentro das fileiras do partido. Alguns perseguidos (Zinoviev e Kamenev e outros) capitulam. Trótski, isolado, é expulso da União Soviética e se exila em Alma-Ata, Paris e depois para o México, onde ajudou a estabelecer a Oposição de Esquerda Internacional.

Uma coleção de traições

Em 1925, a classe trabalhadora chinesa impulsionou um importante processo de mobilização com atos de rua, ocupação de fábrica, etc. Stalin exige que os comunistas chineses abrissem mão da tomada do poder e passassem a apoiar o Chiang Kai-shek um líder nacionalista. Mais tarde, em 1927, esse apontou suas armas contra os comunistas e o movimento dos trabalhadores, assassinando milhares de ativistas.

➤ Na década de 1930, o stalinismo criou a política do “terceiro período”, ultra-esquerdista que resultou, por exemplo, em igualar os social-democratas alemães ao nazismo. Sob orientação de Stalin, O PC alemão dizia que a social-democracia era “social-fascista”, inimiga da classe trabalhadora e dos comunistas. O resultado foi o avanço do nazismo e de Hitler: o resto da história todos conhecem. Social-democratas e comunistas, juntos, tinham 14 milhões de membros, uma força capaz de ter derrotado os nazistas que, naquele momento, eram minoria.

➤ Na Guerra Civil Espanhola (1936), a política foi de “frente popular” com a burguesia liberal, opção que isolou os revolucionários, inclusive boicotando a entrega de armamento. Ali, o nazismo fez um laboratório de técnicas de guerra que foram amplamente utilizadas depois, na II Guerra. Com a derrota da revolução, o fascismo governou a Espanha por 40 anos.

➤ Em 1938, Stalin assina um pacto de não agressão com Hitler, iludindo-se que os alemães não invadiriam a Rússia. Em 1941, ocorre a invasão alemã à URSS, sitiando as cidades de Leningrado e Stalingrado: a resistência dos trabalhadores russos foi fundamental para, mesmo com todo tipo de privações, derrotarem os nazistas.

➤ Depois da II Guerra, Stalin assinou o pacto com o imperialismo inglês e estadunidense se comprometendo a forçar o desarmamento

dos grupos da resistência ao nazismo que seguiriam armados para tomada do poder nos seus países. Naquela altura, Stalin tinha dissolvido a III Internacional impedindo uma adequada articulação internacional dos comunistas, num momento em que o imperialismo estava mais fragilizado.

➤ A política externa stalinista foi marcada pela conciliação com o imperialismo, a chamada “coexistência pacífica”. A então União Soviética chegou a apoiar a criação do Estado racista de Israel em 1948. Naqueles primeiros anos, enquanto os paramilitares sionistas limpavam eticamente os palestinos, as forças armadas da Tchecoslováquia chegaram a treinar uma brigada israelense. O primeiro primeiro-ministro de Israel David Ben-Gurion afirmou mais tarde: “As armas da Tchecoslováquia salvaram o Estado de Israel, de forma real e absoluta. Sem essas armas, não teríamos sobrevivido”.

Por novos Outubros

Avaliar um processo revolucionário é acreditar que os erros não devam se repetir, que os processos possam, numa nova oportunidade, adquirir uma nova face. Certamente a Revolução Russa, ou outra revolução, nunca mais se repetirá como cópia. Por um lado, as revoluções deixam legados importantes. Por outro, no caso russo, a experiência de duplo poder, o papel do partido e da resistência militar ao inimigo imperialista foram exemplares.

Naturalmente, o século XXI traz novos dilemas e complexidades inexistentes em 1905 ou 1917, mas também traz novas possibilidades. São estas possibilidades, especialmente o esgotamento a olhos vistos do capitalismo que devora as riquezas e o meio ambiente planetário, que podem se traduzir em novos Outubros nos anos que virão. Que a luta de classes permita que isso se concretize e que as lições do passado contribuam para uma nova totalidade. Lutamos e militamos por isso.

A juventude, o partido e a Revolução

A juventude teve um papel destacado no processo da Revolução Russa e na construção do partido revolucionário, tanto na longa duração, desde o início do século XX, até o ano da revolução: 1917.

Trótski (na obra Stalin – uma análise do homem e de sua influência, 1941) recorda que Lênin se rodeava de jovens e que a “revolução, assim como a guerra, coloca necessariamente a principal parte de seu fardo sobre os ombros da juventude. O partido socialista que for incapaz de atrair a juventude não tem futuro.” O próprio líder do Exército Vermelho dirigiu o soviete de Petrogrado com 25 anos de idade.

Já na formação do grupo chamado ‘bolchevique’, em 1903, boa parte dos jovens que se articulava ao redor da liderança de Lênin tinha pouco mais de 20 anos de idade: destacaram-se Trotski, Zinoviev, Kamenev, entre outros.

Esses jovens se formaram nas lutas, nas ações da classe trabalhadora, nas greves e insurreições, enfrentaram a dura repressão do czarismo e contribuíram na revolução de 1917.

Durante o século XX, em outros tantos processos revolucionários, a juventude manteve seu destaque pela abnegação, sacrifício, perspectiva e combatividade. Milhares de jovens foram parte de partidos socialistas, comunistas, grupos de resistência, entre outras formas organizativas. Combateram a burguesia e suas variantes políticas, como o liberalismo, o reacionarismo, o conservadorismo e o fascismo.

Tal papel da juventude na organização política e nas lutas da classe trabalhadora e de todo povo explorado ainda se mantêm altamente atual quando chegamos na quarta parte do século XXI.

Esta é uma certeza deste período de incertezas para tantos: o papel revolucionário, rebelde e transformador da juventude.

A LUTA CONTRA O RACISMO E OS DESAFIOS ATUAIS

A violência contra a população negra só cresce no Brasil. Segundo os dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2024, as mortes violentas intencionais têm entre as vítimas 78% de pessoas negras. E todas as formas de mortes registradas (homicídio doloso, latrocínio, lesão corporal seguida de morte e morte por intervenção policial) têm na maioria de vítimas pessoas negras.

Cabe destacar que o menor percentual de vítimas negras é em casos de latrocínio (60,9%); os maiores percentuais são de morte decorrente de intervenção policial (82,7%), mais de 20% de diferença. A maioria das mortes nos casos de homicídio doloso e mortes decorrentes de intervenção policial acontecem inclusive na faixa etária de 18 a 24 anos, já o latrocínio predomina nas mortes a partir dos 60 anos. Destacamos ainda que o principal instrumento utilizado nessas ações foram armas de fogo.

Outro dado importante é que das 10 cidades mais perigosas, 6 estão na Bahia, o estado brasileiro com a maior proporção de população negra no país.

Com todos esses elementos podemos reafirmar mais uma vez que a violência contra a população negra no país só cresce e que o capitalismo e o racismo, articulados organicamente, têm um papel fundamental nessa escalada de violência.

A taxa de desemprego entre os jovens continua sendo a mais alta, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. No 2º tri de 2024, entre jovens de 14 a 17 anos 28,2% estavam desempregados,

entre 18 a 24 anos eram 14,3% desempregados. Entre a população negra a taxa de desemprego chega a 16,3%, podemos comparar com a da população branca que é de 5,5%.

Assim, mostramos como negros e negras, até como força de trabalho para ser explorada no capitalismo, são descartadas e de modo mais violento possível, criminalizada, abandonada nas periferias e subúrbios sem políticas públicas.

O racismo contra essa parcela importante da população brasileira é usado de várias formas perversas por esse sistema de opressão e exploração, ainda mais nesse momento atual em que a extrema-direita cresce e se consolida pelo país como vimos nas eleições municipais.

Com suas falas mentirosas iludindo a classe trabalhadora, com um discurso violento ou com soluções simples para as dificuldades de se viver no capitalismo a extrema-direita proporciona mais ódio entre trabalhadores.

Extrema-direita racista

Os setores de direita e de extrema-direita seguem tão fortalecidos que pessoas como o senador Magno Malta (PL-ES) se sentem confortáveis em pronunciar falas como: “Cadê os defensores da causa animal, que não defendem os macacos?” quando se referiu ao jogador de futebol Vini Jr. que luta contra a violência racista que sofre na Espanha.

Uma pessoa pública como esse senador, se sente à vontade para proferir tal crime sem medo de punição é porque esses racistas estão no poder e, mesmo com Lula na presidência e tendo criado o Ministério da Igualdade Racial,

houve poucas ações efetivas para enfrentar a violência que esse sistema promove contra o povo negro.

Precisamos articular toda a luta contra o racismo com a luta contra esse sistema capitalista, que produz mais exploração e morte de pessoas negras. Pôr um fim a essa estrutura, sem ilusões de que por dentro do sistema podemos mudar, pois só se muda o discurso e a prática violenta se mantém contribuindo para o crescimento da extrema-direita que promove ainda mais violência e exploração da população negra.

Se liga

O "Dia da consciência negra" é uma conquista do movimento popular negro do Brasil e é dia de lembrar os heróis do povo brasileiro, os memos que a mídia quer esconder.

No dia 20 de novembro de 1695 era assassinado Zumbi, liderança do Quilombo dos Palmares (hoje no estado de Alagoas). Mais de cem anos de resistência ao sistema escravista. Depois de muitas tentativas, finalmente as tropas financiadas pelos latifundiários e escravagistas, conseguiram invadir e destruir o maior símbolo de resistência negra do Brasil.

Também lembramos Dandara dos Palmares, companheira de vida e de luta de Zumbi. Foi uma grande guerreira negra na defesa de Quilombo dos Palmares e da liberdade para todos os seres humanos.

Se passaram mais de 300 anos, mas o exemplo de Zumbi e Dandara continua vivo e nos lembrando que só teremos um mundo justo e igualitário com luta e organização.

Os Quilombos eram formas de luta e resistência contra a escravidão no Brasil e seguia uma tradição dos povos de África. Como diz Kabengele Munanga (“Origem e histórico do quilombo na África”, USP) “O quilombo é seguramente uma palavra originária dos povos de línguas bantu (kilombo, aporuguesado: quilombo). Sua presença e seu significado no Brasil têm a ver com alguns ramos desses povos bantu cujos membros foram trazidos e escravizados nesta terra”.

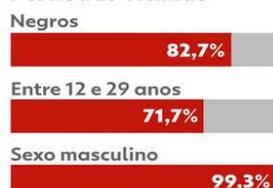
Mortes pela polícia em 2023
Homens negros com menos de 30 anos são as principais vítimas

6.393 vítimas em 2023

Aumento de 118,9% desde 2013

Queda de 0,9% em relação a 2022

Perfil das vítimas



RESULTADO DAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS CONSOLIDA A EXTREMA-DIREITA

O processo eleitoral nos 5570 municípios do país de alguma forma expressa a correlação de forças entre as classes sociais e o momento da consciência de classe da classe trabalhadora. Por isso, é preciso olhar atentamente para ver os sinais e, principalmente, para os revolucionários se prepararem para o próximo período.

A proposta desse balanço é apresentar elementos mais gerais do processo eleitoral sem detalhar e procurando identificar as tendências mais gerais da luta de classes a partir do resultados nessas eleições.

Os setores de direita e de extrema-direita cresceram

Numa “divisão” ampla entre esquerda e direita os resultados eleitorais indicam que os setores de direita ampliaram sua influência política pelo país. Os eleitos foram, em sua maioria absoluta, candidatos de partidos dos setores de direita. Ganharam partidos como PSD, União Brasil, PL e Republicanos e MDB, conquistando prefeituras importantes como RJ, São Paulo, Curitiba, Belo Horizonte.

Mesmo em cidades onde PT ou PSOL disputa o 2º segundo turno, a maioria dos votos foi para os setores da direita e extrema-direita. Em São Paulo, por exemplo, a extrema-direita disputava com dois candidatos e, somados, chegaram a 60% dos votos. Não temos dúvida de que são votos com um conteúdo político bem conservador.

Não é possível ignorar e nem desprezar a força política e social dos setores de extrema-direita no país. Com muitas desigualdades e distorções, a atual situação é resultado de vários aspectos: desde o papel que governos apoiados

por setores da “dita esquerda” cumpriram/cumprem e, sobretudo, pelo debate sobre qual saída é possível para a superar essa falta de perspectivas existente para a classe trabalhadora e os mais pobres. Ou seja, ganharam o apoio de um setor da classe trabalhadora para as suas propostas.

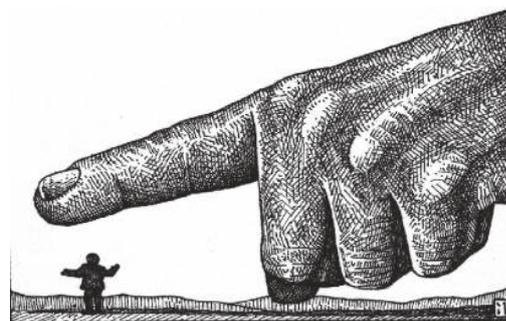
Na realidade há um elevado número de desempregados, os empregos gerados são com baixa remuneração (e poucos benefícios), o aumento do trabalho informal e por aplicativos fazem as pessoas trabalharem muito mais. Nas periferias a falta de Saúde e Educação de qualidade, os problemas com a violência e o transporte, falta de lazer e um longo etcétera. Mesmo com tantos problemas conseguiram influenciar e ganhar o voto das pessoas.

Os setores de direita e extrema-direita têm colado um discurso de que lutar não adianta e o progresso individual depende da pessoa saber empreender e se esforçar para alcançar a prosperidade. Com isso, reforça o individualismo, o repúdio às formas coletivas de luta e o apoio às medidas de repressão contra trabalhadores e pobres.

Foi nessa linha, por exemplo, que Marçal (PRTB) demarcou sua candidatura. Além disso, usou um discurso abertamente anticomunista, machista, homofóbico, racista para atrair parte importante de eleitores. O riquinho atraiu até mesmo eleitores nas periféricas de São Paulo.

Nesse terreno e com essa situação caótica, os setores mais reacionários cresceram e já consolidam influências políticas junto a amplos setores da classe trabalhadora.

Também devemos considerar



o alto número de reeleições, prevalecendo a continuidade, muito por conta da força das emendas do Congresso e liberadas pelo governo Lula e o aumento do repasse de verbas para os municípios.

Essa é a realidade.

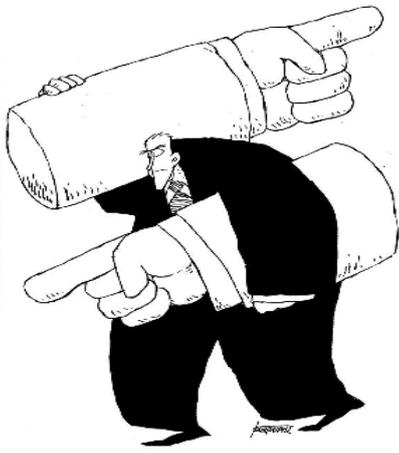
Os setores da “dita esquerda”

E os partidos da “dita esquerda institucional” (partidos de conciliação de classe, que privilegiam as disputas e conquistas eleitorais como PT/PCdoB/PDT/PSB e PSOL, secundarizam ou freiam as lutas e mobilizações) sofreram várias derrotas já no 1º turno ou indo para o 2º turno em condições desvantajosas e, na maioria dos casos, com poucas possibilidades de reverter essa tendência.

O resultado eleitoral do PT também foi pífio e confirma uma tendência de perdas de poder político locais. Levou e segue levando à frente a política de colaboração de classes e mantém a tática da Frente Ampla se coligando ou apoiando vários partidos de direita.

Nas grandes cidades o partido elegeu apenas 6 prefeitos. Comparativamente, em 2008 foram 28 prefeitos; em 2012 tinha eleito 18 prefeitos; em 2020 foram somente 4 os eleitos pelo partido. E considerando o total de eleitos, são 252, menos da metade do que em 2012..

Na Grande São Paulo, no segundo turno perdeu em Diadema e manteve a prefeitura de Mauá.



Em Santo André não chegou a 20% dos votos e em São Bernardo 23% (cidades onde já governou com gestões ineficientes, com ataques às conquistas sociais e aos direitos do funcionalismo público).

Em relação ao PSOL, chama a atenção a derrota em Belém (PA), sequer indo para o 2º turno. (veja em www.emancipacaosocialista.org o artigo de 22/08/2024 sobre o 'renegado prefeito Edmilson'). Foi uma resposta à gestão que reprimiu servidores, se alinhou aos setores mais reacionários da cidade e do estado e não cumpriu as promessas de campanha. Governou como os partidos da direita.

A maior disputa de todas nestas eleições foi a de São Paulo com o PSOL (Boulos) coligado com o PT (Marta Suplicy) contra Ricardo Nunes (MDB), apoiado por Bolsonaro e Tarcísio (dois dos principais expoentes da extrema-direita no Brasil).

Ricardo Nunes ganhou em quase todos os distritos eleitorais e por uma ampla margem de votos, até mesmo em regiões periféricas. Confirmou a dinâmica do primeiro turno e que temos sustentado nesse texto.

São muitos fatores que contribuíram para essa vitória, como a consciência da classe, os recursos financeiros, a máquina da prefeitura e de certa forma até a postura conciliatória de Boulos que focou sua campanha no "eu vou fazer", discurso bastante

limitado e nos marcos do sistema, quando seria importante discutir propostas antissistema com a classe trabalhadora.

Já o PSOL, como partido eleitoreiro e com o principal objetivo de eleger candidatos, pelo seu site, informa que o partido elegeu "as bancadas mais diversas do país. Dos 80 vereadores eleitos pelo partido para as Câmaras Municipais, são 38 mulheres, 36 negros e negras, duas indígenas e mais de uma dezena de LGBTQIA+, incluindo 5 pessoas trans.". De fato, é importante que os setores mais oprimidos da sociedade conseguiram alguma expressão eleitoral e representa um sinal de resistência. Mas, o programa político do partido ficou abriro mão de uma campanha demarcando posições anticapitalistas.

Um discurso radical provavelmente não elegeeria e talvez até teria menos votos, mas certamente contribuiria para a construção de uma alternativa fora do sistema.

Ainda nesse campo da "dita esquerda institucional", as campanhas do PSB e do PDT estão mais alinhadas a programas eleitoreiros e se colocam no mesmo campo de partidos da direita. Tábata Amaral (PSB/SP) defendeu um Programa de controle de contas públicas (sabemos, teto de gastos para Saúde e Educação ou Arcabouço Fiscal) e se valeu também de vários aspectos da religiosidade dos eleitores.

Nesse sentido, também podemos colocar o papel desempenhado por Lula. Em nome da governabilidade e de

manter a "Frente Ampla" preferiu participar pontualmente de algumas campanhas eleitorais para as disputas locais não cheguem ao governo. Bom lembrar que o Partido Republicano, do governador/SP Tarcísio tem ministério e é parte da sustentação do governo Lula.

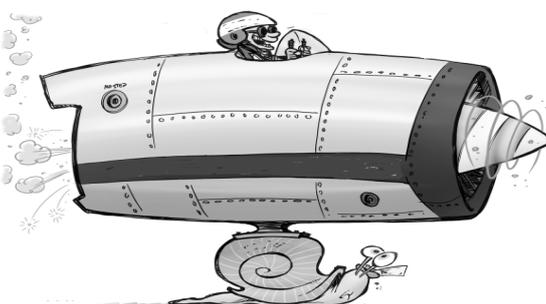
A esquerda anticapitalista

Nesse cenário de fortalecimento de todo tipo de reacionarismo, a esquerda anticapitalista também saiu desse processo eleitoral bastante fragilizada, não por não ter conseguido eleger vereadores, mas porque os resultados demonstraram o isolamento político e a pouca influência que exerce.

É uma contradição importante. Exatamente quando é mais necessário uma alternativa de fato (contra o sistema capitalista, a favor de lutas e mobilizações populares para manter e conquistar mais serviços públicos de qualidade, para manter direitos democráticos e para destinar os recursos públicos dos municípios para as necessidades da população) é quando estamos mais enfraquecidos e a extrema-direita demonstrando forças.

Nesse sentido, no 1º turno travamos uma batalha pela independência de classe e chamamos o voto em candidatos do PSTU, inclusive com uma candidatura própria no Rio de Janeiro pela legenda do PSTU, o qual agradecemos por seguir essa tradição dos revolucionários.

Avaliamos que essas eleições municipais têm um sinal de derrota, pela vitória dos setores reacionários (direita e extrema-direita), pelo fato de a esquerda anticapitalista não ter rompido seu isolamento político e social e por não ter permitido o avanço da consciência de classe da classe trabalhadora, da juventude e dos explorados em geral, o que poderia ter contribuído para o reconhecimento da importância de nossas lutas e mobilizações.



REUNIÃO DA CÚPULA DE LÍDERES DO G20 É HIPOCRISIA



Na terceira semana de novembro, no Rio de Janeiro, ocorrerá a Cúpula de Líderes do G20 com a presença das lideranças dos 19 países membros, mais a União Africana e a União Europeia. Integram o G20 os seguintes países: África do Sul, Alemanha, Arábia Saudita, Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, China, Coreia do Sul, Estados Unidos, França, Índia, Indonésia, Itália, Japão, México, Reino Unido, Rússia e Turquia.

A Cúpula ocorrerá em meio a mais de 30 guerras no planeta. Tem o confronto interimperialista entre Ucrânia (aliada da OTAN, e dos Estados Unidos) e Rússia, o genocídio sionista sobre os palestinos na Faixa de Gaza, estendido ao Líbano e outros países da região, mas a maioria estão no norte da África, alguns no Golfo Pérsico, na península Arábica e na Ásia. Todos os confrontos são disputas por territórios e pelo controle de reservas de petróleo, gás natural e minérios fundamentais para a indústria.

Na crise estrutural do sistema capitalista, com seu caráter parasitário e decadente, as guerras têm sido uma válvula de escape para o sistema. Nesse contexto, o que tem se desenvolvido mesmo são as forças destrutivas da humanidade, trazendo uma barbárie crescente.

Sistema financeiro e a produção de armas

O relatório da “Global Alliance for Baking on Values”, deste ano, apontava que US\$ 1trilhão foi usado em dois anos por instituições financeiras globais apoiando a produção e o comércio de armas. As 12 instituições financeiras que mais investiram

foram estadunidenses, mais de R\$ 500bi. Já os 15 maiores bancos europeus investiram 87,72 bilhões de euros nessas indústrias de armas. Uma tendência semelhante se observa nos bancos asiáticos.

Enquanto os banqueiros faturam horrores com as guerras, o número de vítimas dos conflitos cresceu 72% em 2023. No mesmo ano, 733 milhões de seres humanos passaram fome, segundo o SOFI (Estado da Segurança Alimentar e Nutrição no Mundo).

Enfim, chega a ser uma escarrada na cara de qualquer miserável ou necessitado do planeta saber que países como EUA, Alemanha, França, Itália, Canadá, Japão, China, Rússia etc. - comandados por banqueiros e que destinam trilhões para guerras, negligenciando, assim, a situação de penúria de centenas de milhões de pessoas - vão discutir o combate à fome e à pobreza no mundo. Buscam, somente, posar de bons moços. Que o digam os habitantes de Guadalupe e Martinica, possessões francesas no Caribe, e, com altos índices de pobreza, que têm protagonizado protestos violentos de ruas, nas últimas semanas.

Países do G-20 são os responsáveis pela crise climática no planeta, que poderá matar milhões de pessoas

Enquanto o G-20 busca esconder o seu caráter predatório, sob a presidência de países dos BRICS (Brasil, em 2020; agora, Índia, e, em 2025, África do Sul), a sua Cúpula também pauta o debate sobre a crise climática, pressionada pelas recentes tragédias climáticas e profundas mudanças ambientais que têm acontecido, nesse ano.

Como as enchentes na Espanha e na Flórida com o furacão Milton; as inundações em outubro no deserto do Saara; a ampliação da vegetação na Antártida; o aumento da devastação na Amazônia; ou as chuvas torrenciais no sul do Brasil, no primeiro semestre.

Com o aquecimento global, provocado pelo aumento de dióxido de carbono na atmosfera, além do derretimento dos polos Norte e Sul de 7,56 trilhões de toneladas de gelo, entre 1992 e 2020, podem elevar o nível do mar em até dois metros de altura no final do século XXI. Esta subida dos oceanos comprometerá a segurança de 745 milhões de pessoas em todo o mundo, com previsão de migrações de milhares de refugiados climáticos, crises de fome, rebeliões e desestabilização econômica.

Como vemos o motor das transformações climáticas tem sido também o motor das guerras, patrocinadas pelos principais países que comandam o G-20: a disputa por petróleo, gás natural e outros minérios, responsáveis pelo aumento de carbono na atmosfera. Em resumo: essa discussão das tragédias ambientais, partindo de quem parte, não é séria.

Neste contexto, a realização de um G-20 Social (uma continuidade do antigo Fórum Social Mundial), paralelo à Cúpula do G-20, não alterará coisa alguma neste último. Estamos diante de um jogo de cartas marcadas. Enfim, o G-20 Social só legitimará a farsa da Cúpula de Líderes do G-20.